

NIETZSCHE E O IDEAL ARISTOCRÁTICO¹

A. K. Rogers, Yale University.

Tradução de Thiago de Souza Salvio²

Que a qualidade da vida humana, e não seu mero ser, ou sua quantidade, é eticamente fundamental, é a indubitável verdade deixada atrás a parte da qual o ideal de aristocracia jogou no desenvolvimento humano. É dessa demanda que a vida tem vivido em termos de seus valores aristocráticos que Nietzsche começa; e a essência de tal super-qualidade da vida é o que ele busca para incorporar na sua frase "vontade de poder". Antes, de qualquer modo, observado o glamour da fórmula, carece-se determinar muito cuidadosamente no que precisamente, em termos de valor concreto o que destina-se emitir. Agora a vontade de poder pode naturalmente, todavia, sugerir um ideal no qual a completude positiva da vida e a abundância de valor contido é deve ser a nota dominante. Mas o traço mais característico no entanto, quando Nietzsche vem atualmente preencher os esboços, cai a tona a facilidade de colocar mais em termos negativos do que positivos. Como o que concretamente constitui a forma positiva da boa vida, Nietzsche é, de fato, toleravelmente vago. Mesmo as boas intenções dele na matéria, a vontade de poder se torna primariamente não o fato da realização valorativa, mas uma extremidade do protesto autoconsciente contra certa atitude abstrata humana - a disposição para deixar suspensa na nossa extenuação, nos aliviar, ser contido com os alvos da medíocre humanidade.

Isto explica o forte ímpeto de ascetismo em seu ideal, a despeito da tentativa duma ênfase na vida; isto auxilia o senso de poder do homem que pode praticar a "crueldade" em si mesmo, e

¹ Este artigo foi publicado pela primeira vez na *International Journal of Ethics* (Jornal Internacional de Ética, Vol. 30, No. 4 (Jul., 1920), pp. 450-458.

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da FFC – Unesp/ Marília. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: thiagosouzasalvio@gmail.com.

assim sentir sua tensão de vontade e força. Por conseguinte, também, a onipresente demanda que a vida deveria ser um contínuo estado de guerra - de combate. Nietzsche é preenchido com um quase patológico senso dos fatos do mal, crueldade, dor e sofrimento, os quais envolvem a humana existência. O mestre dele, Schopenhauer, teve a mesma fundação erigida o sistema do pessimismo, e assegurou que para escapar do pervasivo mal da existência o homem deve renunciar a vontade de viver. Nietzsche vem para pensar que o mal oferece, antes, um conteúdo positivo para a vida. Ao invés de tentar escapar do mal e ganhar felicidade, a plena significação da vida jaz no sentido do poder do qual a necessidade de lutar contra forças hostis chama ao ser. Mal não é assim realmente mal; é necessário para o fim real do homem, e tão quanto o bem. O homem verdadeiro deseja por conflito, por perigo, até por dor, para garantir a exaltação de seu humor.

É neste sentido bastante estreito, primeiro do qual, então, que levamos a demanda de Nietzsche pela "qualidade" de vida; qualidade é definível como aquela consciência da pura virilidade e extenuação, aquela indiferença aristocrática para motivos comuns do amor ao sossego ou medo do perigo, aquele profundo respeito pela própria excelência superior de alguém nunca levando-o a intermitir seus esforços, o qual, nas suas páginas, sempre aspira muito mais longe que os atuais fomentos que o bem objetivo pode efetivar. Do bom, a única coisa a ser realmente admirada, é, de fato, poder em si mesmo, a forma particular que isso assume é questão de indiferença, e a necessidade pela descrição objetiva da boa vida logicamente, portanto, tende cair abaixo. Sob a luz dessa larga ênfase, a doutrina de Nietzsche em detalhe há de ser compreendida. Assim seu repúdio ao cristianismo e às virtudes "sociais", - uma moralidade "do covarde, do esgueirado, tímido e modesto, aconselhando paz de espírito e fim do ódio, amor com respeito ao amigo e inimigo". Isto é nada senão uma moral de rebanho, um sacrifício da qualidade pelo número, o que é a negação dos grandes valores. "Então se levanta necessariamente a areia da humanidade, todos muito parecidos uns com os outros, muito pequeno, muito redondo, muito pacífico, muito cansativo". É evidente que disto não pode haver nada mas o desprezo pela multidão da humanidade, deficiente como são naquele elemento o qual chamam a fora no tocante a nossa admiração; com isto, também, o destino da excelência vem-a-ser identificado estreita e necessariamente com a existência da classe aristocrática, e a consciência do bem com a persuasão da força superior e parimento.

A dúvida que tenho de levantar sobre tal ideal é, em geral, seu caráter auto-destrutivo. Para identificar, para começar com, o fado da distinção humana e dignidade com as pretensões de indivíduos ou uma classe é por sua vez baratear todo o empreendimento. Imediatamente é começar

a chamar adiante as infinitas capacidades da auto-desilusão e a vaidade na natureza humana, e desviar os olhos do homem do verdadeiro e objetivos padrões do bem humano. Nenhuma aristocracia nunca fez ou jamais pôde viver acima do retrato lisonjeiro que desenha a si mesmo. É abaixo da ilusão romântica; e para ver as coisas como elas são gerando uma humildade fatal para as reivindicações aristocráticas. Do ponto de vista do realismo intelectual, portanto, a típica têmpera aristocrática implica um defeito. Um senso de superioridade assegura ser o sinal de certa cegueira, uma falta de imaginação e intuição que é esteticamente desagradável. Quanto mais completo um homem vem a contato simpaticamente com seus camaradas, e mais completamente ele os conhece, mais alto ele se encontrará em comum para estimar o valor do estofo que há neles. Quando isto é questionado, eu acredito que a negação quase sempre será àqueles lidando com o homem, apesar de ampla extensão porventura, terá sido de uma ordem restrita e oficial - a quem está interessado neles somente como máquinas laboriosas, ou aprendizes de lições, ou animais lutadores disciplinados, ou em alguma capacidade especializada. Vista a grande massa de testemunho, o agnosticismo do aristocrata com referência para possibilidades existindo no curso comum do homem deve ser posta abaixo não pelo domínio intelectual superior, pelo menos para uma reivindicação arrogante cuja finalidade é intelectualmente inconveniente. Toda essa tendência para lidar com largas asserções com as quais indivíduos amontoados por tipos e generalizações é uma marca de falta de precisão intelectual.

Qualquer um com senso de realidade vai sentir essa limitação pelo menos do lado imaginativo, quando trazer a tona este sentimento de casta. A cegueira de mestres para a qualidade de uma classe servil, exceto como isso fixa a deveres convencionais de serviço, - a cegueira vingativa no viés de um criticismo agudo do outro lado-, do homem de raças superior que supõe dilacerar generalizações adequadas a complexidade infinita dos povos que despreza, a auto-suficiência e a calma clareza com o qual o aristocrata tende a deixar a fora do mundo para ser contado com o comerciante e artífice, para ser reconhecido pelo que é - mera obtusidade e dogmatismo de espírito, que merece a condenação que pertence a qualquer involuntariedade para ser contida em fórmulas especiosas.

E a mesma limitação vem a luz na outra direção - a superestima aristocrática de seu próprio valor. O ódio universal que o esnobismo chama a frente descansa numa verdadeira percepção que nenhum homem é grande o suficiente, ou melhor, que seus camaradas para justificá-lo apontando com orgulho a suas próprias excelências. Quando tal presunção enche a mente dele, é restringido a

ter um falso modelo de comparação que vicia seus julgamentos e dificulta sua performance. Alguém há apenas que notar a facilidade com a qual a casta militar de pretensões aristocráticas de um oficial passa a esnoabar, e do esnoabar a uma ineficiência e podridão seca. A reivindicação do "homem superior" é em qualquer caso muito fácil para exagerar.

Nós habitualmente superestimamos a sabedoria do sábio, como usualmente descobrimos quando vamos mais de imediato em contato com eles. A fonte da força nas aristocracias tem comumente residido menos na superioridade individual do que na grande coesão do poder - em si uma consequência não de uma previsão inteligente mas do próprio interesse; de qualquer modo a coesão é protegida, a mesma superioridade política mostra, como na moderna máquina política moderna.

Como um ideal adotado espontaneamente por uma classe inferior através do reconhecimento de qualidades na qual é em si mesma deficiente, aristocracia tem seus pontos positivos; apesar da falta de respeito pelo fato sem adornos, e a predileção pelo mais exibido e especiosos aspectos do bem, se rende sempre ao ideal romântico, com as imperfeições do romantismo. Então as verdadeiras virtudes aristocráticas, moldadas pelo contato com a realidade, e antes delas serem auto-consciente através da necessidade de ser forçado a defender a si mesmas contra "inferiores", são indubitáveis contribuições para a vida do homem, cujas aberrações devem clamar um grau de indulgência; como o gênio deve possivelmente ser perdoar atos tais como os que poderiam condenar um homem menor. Mas quando ele começa argumentar pela sua própria imunidade no fundo que ele é um gênio, é hora de sua imunidade cessar. Não é bom para o homem indulgir seu senso de ser uma exceção para a raça humana, com direitos especiais e um destino específico. Aristocracia como em si mesmo o ideal aristocrático já perdeu sua pungência e verdade, e se tornou menor que a vaidade da realização passada. Um aristocrata orgulhosamente consciente de sua superioridade, é aquele do menos edificante espetáculo humano.

Agora enquanto Nietzsche com certeza mira escapar dos defeitos de aristocracias históricas, permanece verdadeiro que sua ênfase intelectual é apontada estreita em direção a eles. Por sua vez se inicia a substituir o sentimento de superioridade das próprias qualidades de alguém pelo desinteresse concernente ao bem objetivo, e o conteúdo inteiro do bom evaporam. A verdadeira distinção consiste na aptidão de ver mérito nos valores objetivos, e identificá-los às fortunas pessoais de alguém junto a sua realização. Mas Nietzsche efetivamente nega todos os valores salvando algum isoladamente. Há nada em si mesmo bom ou mau; um fim se torna bom somente

se chama adiante o sentido de força e poder no homem. Mas isto se deixa como a única coisa valendo depois do exercício do poder em si mesmo, independente do valor de resultados através dos quais nossa valoração normal justifica o poder no fim. Firmeza de vontade, agressividade, autocontrole, "dureza", no último refúgio toma seu caráter estabelecido como virtude do serviço que executam, e não podem seguramente se posicionar no negócio de sua própria conta. O propósito da banheira inglesa é a higiene, não a cultivação do senso de quão admirável é o hábito; e quando alguém começa a se orgulhar em nunca omitir seu banho, ele está a caminho da destruição espiritual.

Isto aparece surpreendentemente, mais uma vez, na doutrina sobre o mal em Nietzsche. Aquele mal, dor, sofrimento, deve licitar o poder de combate do homem e a resistência, e então provar-se capaz de se transmutar no bem, e que sem eles, de fato, ele poderia falhar para alcançar sua verdadeira estatura, é uma intuição valiosa, apesar de escassamente nova.

Mas quando Nietzsche deduz disto, que estamos deste modo, não na tentativa de abolir o mal, mas mantendo-o existente ao invés, e até aumentando isso, que teremos muito mais material para tentar o fortalecimento da alma, ele está indo ao contrário de todo instinto moral. O mal momentâneo cessa para nós de ser realmente ruim, e somente um meio para o bem cuidadosamente a ser conservado, o único motivo que permanece para lutar é aquela autoglorificação romântica; o valor significante da cruzada contra os lapsos do mal. Para o homem moral, o mal não é algo intrinsecamente indiferente, que toma um valor através do exercício condicionado do poder; poder em si mesmo se torna um bem genuinamente defensável só porque é alistado na tarefa de assegurar os fins bons e admiráveis em si mesmos, e por abolir coisas más e odiáveis. Nietzsche não nega que o bem é também bom. Mas é, de novo, bom só do mesmo jeito que é o mal - tal como suplicar um osso pela força agressiva para roê-lo. "O amor dá o mais alto sentimento de poder" - tal justificativa é precisamente a teoria "egoísta" de Hobbes, disfarçada em linguagem literária. A mesma tendência de sobreolhar o verdadeiro *locus* do bem aparece de outra forma quando Nietzsche faz do homem que mais plenamente incorpora o poder a fim com referência à todos aqueles que são usados como meio. Bastante lógico, o além-do-homem, ele mesmo, deve reconhecer sua superioridade, e sacrificar calmamente o fraco para o seu engrandecimento. Agora isto certamente recolta nosso desinteressado sentimento de moral. Se o além-do-homem em um naufrágio fosse salvar a própria vida importante as custas de uma mulher desamparada, deveríamos, por vez, sentir que a estima pelo valor dele precisava de uma drástica revisão. Um

espectador deve sempre se permitir um sentimento de lástima quando a vida mais valorosa é sacrificada pela menor. Mas para um homem deliberadamente adotar essa estima dele mesmo, e agir sobre isso, à parte das reivindicações de algum dever especial do qual ele pode ser acometido, nos repugna.

Se, de fato, o bem era nada senão a vontade de poder em si mesma, talvez uma boa e vital espécime da raça deveria ser mantida a qualquer preço. Mas se pensarmos outros valores também necessários para um ideal que retenha nossa fidelidade, tão elevado seja o senso da necessidade de alguém no mundo que possa prejudicar em demasia esse bem maior. E por toda parte em Nietzsche a megalomania natural do aristocrata se intromete, para nossa apreciação dos méritos dele. Nós tomamos nota continuamente de um desdém orgulhoso e auto-suficiente que marca uma falha no realismo intelectual. Estes novos senhores da terra substituem Deus, levando todos os negócios do homem para suas capazes mãos fortes, ganhando a profunda e incondicional confiança dos dominados; renunciando a felicidade para eles mesmos, possuem um olho para o alcance inteiro das carências sociais, redimindo os miseráveis pela doutrina da "morte rápida", e favorecendo religiões e sistemas de ideias de acordo com a aptidão para este ou aquele grau de inteligência. Devemos porventura, apesar de algum risco considerável, segurar essa visão de uma vontade onipotente e uma sabedoria infalível diante nós para contemplar; porém nós não esperamos ver isso realizado na forma humana. Não há tal animal; e o homem que pensa a si mesmo ajustado para condescender ao universo, e jogar uma providência terrena, está simplesmente revelando suas próprias limitações. Nietzsche em pessoa não é livre de defeito; e quando o encontramos falando de si mesmo com suficientemente poderoso para "quebrar a história da humanidade em duas partes", antecipando como efeito de seu livro que "em dois anos deveremos ter a terra toda em convulsões", o choque do nosso senso de proporção é em si mesmo uma crítica válida do ideal dele.

Assumi até aqui que para Nietzsche o além-do-homem, como uma incorporação concreta do poder, é um fim último, justificado em explorar a humanidade inferior no interesse de suas próprias qualidades admiráveis. Mas agora há outro ponto de vista combinado com isso em Nietzsche que sugere um modo de aproximação diferente. Amiúde, talvez mais frequente Nietzsche esteja preocupado a recomendar ao ideal aristocrático como um ideal, de preferência, da presente humanidade imperfeita, lidando o alvo para a criação de um tipo-homem até então irrealizado. Isso vem a ser um ideal do futuro, para o qual somos chamados para sacrificar a nós mesmos, e na consecução da qual o mundo existente e todas gerações predecessoras estão bem perdidas.

A criação de uma raça humana e seu avanço como fim para o presente e seres humanos imperfeitos tem, de fato, uma objetividade pela qual o ideal do além-do-homem, olhando para ele mesmo como um fim, e subordinado o universo ao exercício de seus talentos, falha ao oferecer. Para sacrificar alguém pelo "bem-estar" da raça é uma daquelas frases que soa bem, e que tem verdade suficiente nela não sendo descartável completamente. Mas tão logo como isso realmente significa o que diz, combina-se as dificuldades da filosofia ordinária do auto-sacrifício com outras peculiaridades para si mesma. Que deveríamos refrear de fazer o que é planejado para colocar a próxima geração em desvantagem, e tentar construir muito solidamente que os benefícios por nós regozijados devem se assegurar sobre o futuro, podemos manter isso em mente de maneira mais firme do que fazemos. Mas que precisamos subordinar os interesses da geração presente para as eras posteriores, e obter seu bem-estar no coração, de preferência, do nosso, que deveríamos "pôr nós mesmos para trazer à existência quem deve permanecer elevado sobre todas as espécies, e sacrificar a nós mesmos e nossos vizinhos para este fim", significa surpreendentemente pouco quando submetemos aos planos factuais. Se não podemos de veras trazer o bom da vida aos outros, até nossos contemporâneos, porém tem que deixá-los largamente aos seus próprios artifícios, como podemos trabalhar, salvar incidentalmente e num jeito bem geral, as pessoas ainda não nascidas? E estamos certos que eles nos agradeceriam se estivéssemos lá para ouvir a opinião deles? Qualquer esforço para antecipar o futuro, a parte dos passos imediatos em frente, nos leva para o campo da adivinhação e utopias, remove as condições essenciais do experimento sucedido. Mas de outro lado sendo impraticável, o empresta a si para a cultura da raça presente também de um estado mental de mérito questionável; e isso nos leva de volta aos defeitos da aristocracia novamente. É quase inevitável que, com tal objetivo ante nós, nossa condenação das qualidades indignas para tornar em desdém daqueles que, como pensamos, mostra esses atributos, e a preferência do nobre sobre o ignóbil a uma separação da humanidade em ovelhas e bodes; e depois nos deitamos abertos ao mesmo criticismo como antes. Não só são vaidade e esnobação claramente para serem engendrados em nós, mas isso significa que do ideal em si há de ser deixado a fora o lado da simpatia democrática, que não obstante tem, igual com a virilidade, uma reivindicação para uma posição entre as qualidades "elevadas". E quanto mais conscienciosa nossas atitudes, o mais puxamos em frente o resultado do fim ao futuro distante e buscamos observar uma nova espécie tomar o lugar do homem presente, quanto mais estamos limitados na lógica de desprezar o homem como conhecemos, na vida presente; tanto mais, deste modo, nosso sentido de valor da vida, e possibilidades no homem, vira pessimismo e derrota prática.

Referência

ROGER, A. K. **Nietzsche and the Aristocratic Ideal.** Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2377133?seq=1#page_scan_tab_contents Acesso em: 03 de Maio de 2018.